A (RE)ESCRITA DA HISTÓRIA NA FICÇÃO DE LETÍCIA WIERZCHOWSKI: UM ESTUDO DOS ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS PRESENTES EM "O MENINO QUE COMEU UMA BIBLIOTECA"

HE (RE)WRITING OF HISTORY IN WIERZCHOWSKI'S FICTION: A STUDY OF THE POLITICAL AND SOCIAL ASPECTS PRESENT IN "THE BOY WHO ATE A LIBRARY"

Edemilson Antônio Brambilla[1]
[https://orcid.org/0000-0002-9658-7509]
Ivânia Campigotto Aquino[2]
[https://orcid.org/0000-0002-9253-7088]
DOI: 10.30612/raido.v14i35.12166

RESUMO: Os anos que se seguiram à segunda metade do século XX, sob a ótica literária, contribuíram de forma significativa para o surgimento de narrativas ficcionais de autoria feminina, cujas temáticas desvencilharam-se, em maior ou menor grau, de temas até então recorrentes nesse tipo de produção literária**,** num processo em que o retrato da realidade doméstica passou a dar espaço a debates acerca de aspectos políticos e sociais. É sob essa perspectiva que o presente estudo visa analisar os reflexos da Segunda Guerra Mundial na obra intitulada *O menino que comeu uma biblioteca* (2018), da escritora sul-rio-grandense Leticia Wierzchowski. Sua construção ficcional possui, como uma de suas principais características, a representação da imigração polonesa, bem como suas memórias e traumas de guerra. Dessa forma, atentamos, neste estudo, para o modo como a autora aborda as questões políticas e sociais do período em sua ficção, rompendo, ao menos em partes, com as características e limitações impostas às narrativas literárias de conteúdo ligado ao feminino.

Palavras-Chave: Política e sociedade; Literatura de autoria de mulheres; Leticia Wierzchowski; Segunda Guerra Mundial; Imigração polonesa.

ABSTRACT: The years that followed the second half of the twentieth century, from a literary perspective, contributed significantly to the emergence of fictional narratives of female authorship, whose themes detached, to a greater or lesser extent, from themes that had so far recurrent in this type of literary production, in a process in which the portrait of domestic reality started to give space to debates about political and social aspects. It is from this perspective that the present study aims to analyze the reflexes of the Second World War in the work entitled "The boy who ate a library" (2018), by the

[1] Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - PPGL/UPF.

[2] Docente do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

CC BY NC SA

writer from Rio Grande do Sul Leticia Wierzchowski. Its fictional construction has, as one of its main characteristics, the representation of Polish immigration, as well as its memories and war traumas. Thus, in this study, we pay attention to the way the author approaches the political and social issues of the period in her fiction, breaking, at least in parts, with the characteristics and limitations imposed on literary narratives of content linked to feminism.

Keywords: Politics and society; Literature authored by women; Leticia Wierzchowski; Second World War; Polish immigration.

INTRODUÇÃO

No percurso histórico da formação da sociedade, por longo tempo, coube às mulheres tratar de assuntos ligados estritamente ao ambiente doméstico, enquanto era delegado aos homens tratar das mais diversas temáticas relacionadas aos aspectos políticos e sociais. Na literatura essa condição não foi diferente, tendo em vista que, por um longo período, os nomes femininos estiveram ausentes dos grandes cânones e obras mais representativas do universo literário. É somente com a ascensão dos ideais feministas e dos estudos de gênero que essa realidade passou a ser questionada, conferindo, assim, novas possibilidades de abordagem dessas criações ficcionais de autoria feminina. Nesse sentido:

> Durante muito tempo, a escrita e o saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentaram ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista (TEDESCHI, 2016, p. 154-155).

É evidente, portanto, que a atividade feminina no universo literário, a exemplo de ocorrências em outras esferas sociais, ainda é marcadamente influenciada pelos estigmas enraizados em nossa sociedade. Daí a importância por essa busca pela autonomia, neste caso, literária, para essas narrativas de autoria de mulheres. Nesse sentido, Lobo (2011) aponta alguns desafios à literatura de autoria feminina:

> Do ponto de vista teórico, a literatura de autoria feminina precisa criar, politicamente, um espaço próprio dentro do universo da literatura mundial mais ampla, em que a mulher expresse a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios, que sempre constituem um olhar da diferença. A temática que daí surge será tanto mais afetiva, delicada, sutil, reservada, frágil ou doméstica quanto retratará as vivências da mulher no seu dia-a-dia, se for esta sua vivência. Mas o cânone da literatura de autoria feminina se modificará muito se a mulher retratar vivências resultantes não de reclusão ou repressão, mas sim a partir de uma vida de sua livre escolha, com uma temática, por exemplo, que se afaste das atividades tradicionalmente consideradas "domésticas" e "femininas" e ainda de outros estereótipos do "feminino" herdados pela história, voltando-se para outros assuntos habitualmente não associados à mulher até hoje.

É sob essa perspectiva que, ao mesmo tempo em que há uma gradual inserção da mulher nas esferas sociais antes a elas cerceadas, há também o interesse, por parte da literatura de autoria feminina, em discorrer sobre realidades até então

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 291 – 303 | mai/ago 2020

exclusivamente tidas como integrantes do universo masculino, a exemplo de temáticas políticas e sociais. Ancoradas nessas novas possibilidades originadas pela crítica feminista, a literatura de autoria feminina passou, então, a retratar em suas criações ficcionais realidades que passaram a se desvencilhar dos temas domésticos habituais, promovendo discussões de conflitos com efeitos em escala global. De acordo com Santos (2016, p. 42):

> Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, a produção literária de mulheres na América Latina alcançou reconhecimento, assegurando a expansão dessa escritura. Esse fato torna-se especialmente significativo, na medida em que se configura como uma conquista de mulheres que superaram enfrentamentos para realizarem um trabalho intelectual e encontrarem um espaço no universo das letras.

Os anos que se seguiram à segunda metade do século XX, portanto, sob a ótica literária, contribuíram significativamente para o surgimento de narrativas ficcionais feitas por mulheres, cujas temáticas abordavam, mesmo que indiretamente, a realidade vivenciada durante aqueles anos, não se detendo, exclusivamente, aos temas até então recorrentes nesse tipo de narrativa – pode-se citar, neste caso, a representatividade de nomes como Virginia Woolf e Clarice Lispector.

É sob essa perspectiva que fundamentamos o presente estudo, cujo objetivo principal é analisar os reflexos da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) em *O menino que comeu uma biblioteca* (2018), da escritora sul-rio-grandense Leticia Wierzchowski. Atentaremos para o modo como a autora retrata questões políticas e sociais do período de guerra em sua construção ficcional, rompendo, ao menos em partes, com as características e limitações impostas às narrativas literárias femininas.

Desse modo, nas seções subsequentes, teceremos considerações acerca da escrita de Leticia Wierzchowski, abordando as principais temáticas de suas obras, e a expressão de ideais políticos e sociais caros a sua construção ficcional, para, em seguida, dedicarmo-nos à análise de *O menino que comeu uma biblioteca* (2018) em sua relação com a Segunda Guerra Mundial e com a realidade vivenciada pelos poloneses naqueles anos.

1 POLÍTICA E SOCIEDADE NA ESCRITA DE LETICIA WIERZCHOWSKI

Tal como fizeram outros autores importantes da literatura sul-rio-grandense, que dedicaram várias de suas criações ficcionais ao retrato da realidade imigrante, a exemplo de nomes como Moacyr Scliar, ao retratar a memória e a presença judia no Rio Grande do Sul na maioria de suas obras; de Luiz Antonio de Assis Brasil, ao abordar a temática açoriana; de José Clemente Pozenato, e o espaço delegado em sua ficção para o retrato da imigração italiana no sul do país, especialmente expressa em narrativas como *O quatrilho* (1985); ou então, de Josué Guimarães, ao retratar a presença alemã no sul, em narrativas como *A ferro e fogo I* (1972) e *II* (1975); coube à Leticia Wierzchowski, descendente de imigrantes poloneses, a representação das dificuldades enfrentadas por estes, especialmente durante os anos da Segunda Guerra Mundial, palco de inúmeras perseguições e crimes contra poloneses, judeus, ciganos, e tantos outros, que estiveram expostos às atrocidades exercidas pela ideologia nazista em busca da perpetuação de seus ideais.

Conhecida nacionalmente pela narrativa *A casa das sete mulheres*, publicada originalmente em 2002 e adaptada para o formato televisivo no ano seguinte, Leticia Wierzchowski é uma escritora porto-alegrense, cujos trabalhos, além de versarem sobre temas que envolvem episódios importantes da história do Rio Grande do Sul, a exemplo da Revolução Farroupilha (1835 – 1845), retratam também a realidade polonesa durante o turbulento cenário político e social do século XX. Essa temática é, portanto, recorrente em vários escritos ficcionais da autora, onde a realidade vivenciada pelos poloneses durante os anos da Segunda Guerra Mundial é basilar para a construção do texto literário. A título de exemplificação, podem ser citadas *Uma ponte para Terebin* (2006), *Cristal Polonês* (2003), *Os Getka* (2010), e *O menino que comeu uma biblioteca* (2018), romance analisado neste estudo.

A obra ficcional de Leticia Wierzchowski é, segundo Bernd (2013), pioneira nessa tentativa de representar o cenário imigratório para o Rio Grande do Sul. Ao valer-se de uma vasta pesquisa bibliográfica, associada ao exercício memorialístico carregado de tons autobiográficos, e complementado pelo exercício ficcional da romancista, Leticia Wierzchowski retrata a presença étnica e cultural do povo polonês no cenário rio-grandense, especialmente os indivíduos que, assim como o seu avô, encontraram, no novo território, a possibilidade de reconstruir a vida, tão marcada pelas dificuldades impostas durante a guerra.

Nesse sentido, a importância dessas narrativas reside, conforme Tofanelo (2018, p. 37), na possibilidade de relembrar e, com isso, entender o passado e a construção de sua(s) identidade(s). Os vestígios familiares, os relatos, as cartas e as fotografias passam a ser elementos fundamentais nesse processo de reconstrução memorialística, contribuindo para se pensar nos tempos de guerra e na condição do imigrante nas obras ficcionais de Leticia Wierzchowski.

A tarefa da qual a autora se ocupa em sua ficção oscila, portanto, de acordo com Regina Weber (2008), entre as funções exercidas por um historiador e o papel delegado à ficção oriunda de um romancista, já que tais obras representam tanto as liberdades do escritor de imaginar os pensamentos e os diálogos dos personagens, de descrever as emoções humanas de alegria, tristeza, medo, angústia e desejos, quanto a busca, o recolhimento, a tradução e interpretação dos documentos públicos e privados, tarefa delegada ao historiador. Soma-se a isso a intensa pesquisa de contextos históricos locais e mundiais: a Polônia da primeira metade do século XX, a Segunda Guerra Mundial, as levas emigratórias, os núcleos de imigrantes no Rio Grande do Sul, o mercado de trabalho fabril de Porto Alegre, a vida associativa de imigrantes poloneses.

A respeito de sua proximidade com a temática polonesa, Leticia Wierzchowski (2018, p. 279) afirma:

> Há um escaninho na minha ficção onde eu guardo as histórias de temática polonesa. Meu avô, Jan Wierzchowski, que emigrou da Polônia em 1936, foi, de fato, o primeiro personagem que eu conheci. Por causa de Jan e das histórias que contava, ou que contavam sobre ele, nasceu esta minha vontade de fabular.

Portanto, a relação da autora com a temática é marcadamente envolta por esse caráter afetivo, fazendo com que se possa evidenciar, entre algumas de suas narrativas, pontos que aproximam uma obra da outra, e apontam um percurso criativo tomado pela escritora, acabando por caracterizar suas criações. No núcleo dessas criações,

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 291 – 303 | mai/ago 2020

encontramos: os traumas de guerra sofridos pelos poloneses; os desafios da imigração ao tentar fugir do cenário de guerra; as perdas e a desestabilização familiar em decorrência das ações da guerra; o avô que fora soldado durante a Segunda Guerra Mundial – o personagem Jan aparece em romances como *Uma ponte para Terebin* (2006), e *Os Getka* (2010) –, e é a partir das memórias do avô nos tempos de guerra que o enredo de *O menino que comeu uma biblioteca* (2018) é construído. Nesse sentido, segundo Wierzchowski (2018, p. 279):

> A raiz deste livro – a união profunda entre um culto professor universitário e seu neto, que teria sobrevivido nos anos terríveis do Governo Geral nazista com a venda dos livros de seu amado avô – veio-me da viagem posterior que Jan Wierzchowski fez ao seu país natal, após ter se naturalizado brasileiro por conta do medo de ficar retido na Polônia durante o regime soviético. Naquela viagem, ele buscou familiares e amigos que tinham sobrevivido aos horrores da Segunda Guerra, e trouxe tais histórias na bagagem.

Através da análise da narrativa, então, buscaremos compreender, na seção subsequente, o modo como a autora aborda as temáticas políticas e sociais em sua escrita. Nossa hipótese é que, ao menos em alguns aspectos, a obra de Leticia Wierzchowski passa a se desvencilhar dos assuntos corriqueiramente abordados pelas construções ficcionais de autoria femininas, para aderir a uma tradição literária – inaugurada por nomes como Francisca Júlia da Silva, Júlia Lopes de Almeida, Gilka Machado e Raquel de Queiroz nos séculos anteriores –, que primou por discorrer a respeito de temáticas antes exclusivamente trabalhadas pelo universo masculino, e que, mesmo em estado de crisálida, retratam importantes conflitos políticos, sociais, filosóficos e existenciais, aspectos estruturantes da escrita romanesca feminina na contemporaneidade.

2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A REPRESENTAÇÃO POLONESA EM *O MENINO QUE COMEU UMA BIBLIOTECA*

Lançado em 2018, pela editora Bertrand Brasil, a narrativa de *O menino que comeu uma biblioteca* pertence, como vimos na seção anterior, a uma série de textos escritos por Leticia Wierzchowski que abordam, mesmo que implicitamente, a temática polonesa e a realidade vivenciada por eles durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Em *O menino que comeu uma biblioteca,* temos o retrato da história de Jósik Tatar e de Eva. Ele, uma criança polonesa que esteve exposta aos horrores da Segunda Guerra Mundial, enquanto ela, uma jovem que vivia em uma estância no interior do Uruguai, e acompanhava a realidade enfrentada pelo jovem Jósik através das cartas de tarô de sua avó Florência. Narrada sob a ótica de Eva, as vivências do menino Jósik, e, do mesmo modo, de milhares de poloneses durante os anos da Segunda Guerra são amplamente retratadas na obra de Leticia Wierzchowski. O texto compreende as décadas de 1930, ao retratar a ascensão dos ideais nazistas na Europa, até a década de 1950, período em que Jósik Tatar busca começar uma nova vida no Uruguai, com o intuito de fugir dos horrores vivenciados durante a Segunda Guerra Mundial, e acaba, desse modo, conhecendo Eva, que há décadas o acompanhava à distância através das cartas de tarô de sua avó.

Por meio da narrativa de Eva, o texto não busca ser linear na apresentação dos fatos, mas descrever como duas realidades bastante distintas tomariam caminhos que

acabariam por aproximar ambos os personagens. Nesse sentido, apesar das perspectivas e acontecimentos que são narrados a respeito da realidade de Eva, são os relatos feitos por ela sobre as vivências de Jósik Tatar que nos interessam na presente análise, já que, conforme interpretamos, é através desses relatos que a escrita de Leticia Wierzchowski se assemelha às novas construções narrativas, que tratam abertamente de assuntos políticos e sociais, e da complexidade inerente à existência do indivíduo.

Desde o início da narrativa, a ascensão da máquina de guerra nazista e o domínio alemão nos países europeus passam a ser amplamente retratados, a exemplo da invasão, pelos soldados do III Reich, de países como a Áustria e a Tchecoslováquia, em 1938, bem como a intenção expansionista do regime e do ideário nazistas para países fronteiriços, a exemplo da Polônia. Vejamos:

> A Polônia ergue-se bem diante dos meus olhos – meus olhos, que nunca sequer cruzaram o Rio da Prata até a Argentina! Ela está surgindo, ainda bela e intocada pelo Reich, elevando-se das cinzas do tempo exatamente como era antes da Segunda Guerra, no breve período da ilusória paz que experimentou durante o governo do ditador Piłsudski. Num canto mais ao sul, a duas centenas de quilômetros de Cracóvia, lá está a pequena Terebin. Um pontinho no mapa, uma coisinha de nada que chegou mesmo a desaparecer depois das bombas e dos incêndios, quando suas lavouras foram queimadas e as casas de fazenda, destruídas por tropas de alemães e de mercenários ucranianos pagos pela máquina nazista (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 15).

Era neste cenário de guerra iminente, posteriormente invadido por alemães e soviéticos, que viviam, além de Jósik Tatar, seus pais Apolinary e Flora, e seu avô Michael Wisochy, professor aposentado, literato, amante dos livros, dono de uma imensa biblioteca, e principal influenciador intelectual do neto Jósik. Na América do Sul, por sua vez, cabia à Eva acompanhar o desenrolar dos fatos históricos que levaram à invasão dos países vizinhos à Polônia. A respeito da ascensão dos ideais alemães, o narrador afirma:

> Sob a chuva que precedia as neves do inverno, graves notícias multiplicavam-se por toda a Polônia. Já fazia algum tempo que a Áustria fora anexada à Alemanha nazista. Os Sudetos também haviam sido anexados ao Reich com a permissão da França e do Reino Unido. Falava-se em prisões coletivas, *pogroms*, severas sanções contra os judeus alemães, que tinham seus bens confiscados e eram encaminhados para guetos e campos de trabalho construídos para tal fim. Os discursos de Hitler ficavam cada vez mais efusivos e violentos (o avô Michael ouvia-os com os lábios retorcidos de puro nojo, como quando lia um livro ruim). A Juventude Nazista marchava pelas ruas ostentando bandeiras, enchendo as manhãs frias com sua euforia vingativa. A suástica brilhava, terrível e altiva, nas largas e arborizadas avenidas berlinenses (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 51).

Em 23 de agosto de 1939, a ameaça de uma guerra intensificou-se, após Alemanha e URSS assinarem um pacto de não agressão, de grandes proporções políticas para o mundo ocidental. A localização geográfica polonesa, entre os dois países, favoreceu a posterior invasão de seu território. Se, em um primeiro momento, as notícias desencontradas que chegavam a Terebin a respeito do avanço das tropas nazistas não causaram, em meio à sociedade, a preocupação e o espanto que deveriam, aos poucos percebeu-se que a ameaça era grave e imediata. Apolinary, pai de Jósik, traçou planos para mandar o filho à Chicago, para morar com o tio Wacla nos Estados Unidos, com o intuito de livrar Jósik do ataque nazista a Polônia. Os planos de Apolinary, no entanto,

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 291 – 303 | mai/ago 2020

não puderam se concretizar, e a guerra recrudesceu, impossibilitando qualquer tentativa de fuga por parte dos poloneses. A sequência desses acontecimentos pode ser percebida em trechos como:

> No dia 1 de setembro de 1939, os exércitos do Reich entraram na Polônia. Um encouraçado alemão abriu fogo contra as guarnições polonesas, desencadeando a operação que os nazistas chamaram de *Fall Weiss*. Seiscentos e trinta mil soldados alemães invadiram a Polônia pelo norte e 885 mil pelo sul. Para lutar contra o contingente gigantesco – 56 divisões blindadas e motorizadas e uma temível frota de modernos aviões –, os poloneses contavam apenas com 950 mil soldados divididos em 376 batalhões de infantaria. Lutaram a pé e a cavalo contra os tanques *panzer* alemães, e o resultado foi catastrófico para a Polônia. No dia 3 de setembro, França, Reino Unido, Canadá, Nova Zelândia e Austrália declararam guerra à Alemanha. Mas, em território polonês, sob o terrível fog nazista, isso de pouco adiantou. Quinze dias depois da invasão, o exército regular polonês praticamente deixara de existir e a cidade de Varsóvia estava completamente cercada pelas tropas nazistas. Para piorar, no dia 17 de setembro, a União Soviética também declarou guerra à Polônia, invadindo o país pela fronteira leste com um contingente de 800 mil soldados (WIERZCHOWSKI, 2018, pp. 65-66).

A partir da invasão, o ideário nazista foi posto em prática na região, tornando-se comuns o toque de recolher, o fechamento de estabelecimentos cujos proprietários eram de origem judia, e o transporte de pessoas em massa para os campos de trabalho forçado e de extermínio. A respeito da realidade vivenciada, o narrador afirma:

> Naquele começo de verão polonês, havia grande movimentação de trens que passavam lotados de prisioneiros, seguindo no rumo oeste para os lados da antiga fronteira alemã. Construía-se, perto da cidade de Oświęcim, um campo de trabalhos forçados no local onde houvera um quartel de artilharia do exército polonês. Milhares de prisioneiros alemães, transferidos desde o campo de Sachsenhausen, e presos políticos poloneses, que tinham vindo de Łódź e da Cracóvia, eram obrigados ao trabalho contínuo para erguer o complexo que o mundo inteiro viria a conhecer com o infausto nome de Auschwitz. Tropas iam e vinham. Tenentes, subtenentes, sargentos e cabos circulavam de lá para cá entre Cracóvia e Oświęcim, envolvidos em infindáveis afazeres administrativos, misteriosas operações secretas, comboios inomináveis e testes médicos e científicos que não constavam nas atas oficiais (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 136).

A família de Jósik Tatar não demorou a ser afetada por essas mudanças, pois, em um primeiro momento, perderam o contato com seu pai, Apolinary, possivelmente capturado ou morto por nazistas em alguma de suas ofensivas. A guerra, portanto, começava a deixar suas marcas em Jósik. Isso pode ser evidenciado em trechos como:

> O menino não conseguia classificar a guerra. Ela era a partida súbita do pai, as lágrimas de Flora, o ricto de preocupação no rosto do bondoso avô. Era o silêncio das casas fechadas às sete da noite, o ronco dos caminhões que cortavam a aldeia. A guerra eram os gritos noturnos, o céu vermelho das bombas ao norte, era o medo, aquele medo sem palavras que doía nos olhos de todos (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 69).

Gradualmente, a ocupação alemã tomou conta das principais cidades da região, como Varsóvia e Cracóvia, local onde os nazistas se instalaram, ocupando igrejas,

castelos, mansões, bibliotecas e repartições públicas. Ainda que não fosse um ponto estratégico para o avanço nazista, a pequena cidade de Terebin também passou a sentir os efeitos da invasão alemã, e, dentro de pouco tempo, todos os cidadãos passaram a ser afetados pelo ideário nazista, que perseguia e punia poloneses, judeus, ou qualquer cidadão que afrontasse os ideais por eles estabelecidos. Nesse sentido, o narrador afirma:

> Uma parte do terceiro escalão das tropas nazistas acabou por instalar-se em Terebin. Era lá que eles estavam aquartelados, em fazendas da região, despachando no prédio da subprefeitura e usando a escola como escritório administrativo. Eles circulavam pelas ruazinhas com seus uniformes impecáveis, seus cabelos loiros e sua empáfia, e todos os temiam. Agredir velhos e humilhar crianças polonesas eram passatempos apreciados entre os *szwaby* e, por qualquer motivo, um passante poderia levar uma surra ou simplesmente acabar num daqueles caminhões lotados que partiam durante as madrugadas (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 71).

Foi em uma dessas diligências alemãs, empreendidas com o intuito de capturar intelectuais ou pessoas com conhecimentos suficientes para serem consideradas uma ameaça direta aos ideais do Reich – a exemplo de professores, advogados e artistas –, que o avô Michael Wisochy fora detido pelos soldados nazistas e levado a uma prisão nos arredores de Cracóvia. Apesar de morto pelos nazistas, Michael Wisochy passou a acompanhar seu neto durante os anos que se seguiram na forma de um fantasma, que só Jósik, por conta de sua incrível imaginação e apurada paixão literária, podia perceber.

Dias mais tarde, a mãe de Jósik, Flora, também sucumbiu aos horrores nazistas e fora morta com um tiro ao tentar ir ao mercado clandestino para comprar comida para ela e seu filho. O menino Jósik ficara, então, sozinho em meio àquele cenário de guerra, podendo contar somente com o fantasma do avô que agora lhe acompanhava. Sobre as ações que levaram à morte de Flora, o narrador afirma:

> Na aldeia de Terebin, e por toda a Polônia ocupada, o mercado negro era a única coisa que vicejava. Os hitlerowcy pareciam fazer vista grossa para o ajuntamento que se formava numa ruela além do cemitério horas antes do alvorecer. Como pais relapsos, os nazis deixavam que "suas crianças" pulassem o muro, quebrassem as regras, até que, cansados e irritados, caíam sobre elas com todo o peso da sua fúria – na hora certa. Os hitlerowcy eram muito organizados na vida e na morte, tinham hora certa para tudo (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 97).

Com a perda de toda a família para as ações nazistas, Jósik passa a viver junto com Raika e sua mãe, Anna Bieska, vizinhas da família Tatar. A relação de Jósik com Anna fora um tanto conturbada, o que não impediu que ele e Raika iniciassem um relacionamento amoroso, que se desenrolava de forma paralela aos horrores da guerra, como uma alternativa de fuga daquele cenário catastrófico. Por muito tempo, então, Jósik Tatar encontrou refúgio e segurança na relação que mantinha com Raika, e, especialmente, no amor pelos livros e pela leitura, que fomentavam a presença do espectro de seu avô Michael Wisochy, responsável por guiar e zelar pelo neto, mesmo que em sua condição de fantasma. Para sobreviverem, Jósik passou, mesmo contrariado, a vender a coleção de livros do avô Michael. Daí a motivação para o título da obra de Leticia Wierzchowski, pois, enquanto antes da guerra Jósik Tatar e o avô Michael Wisochy

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 291 – 303 | mai/ago 2020

alimentavam-se dos livros através da busca pelo conhecimento neles contido, agora, por conta das ações desencadeadas pela guerra, Jósik passa a vender os livros do avô como uma forma de subsistência em meio àquele cenário. Vejamos um dos depoimentos de Jósik a esse respeito:

> Eu vendia os livros de Michael como uma artimanha de sobrevivência, mas aquilo sempre me incomodava, me doía. A biblioteca do avô era um santuário, mas ele mesmo, o velho fantasma maluco, incentivava-me a vender os livros. Depois de um ano de ocupação, eu me sentia já bastante enfraquecido fisicamente. Crescia por todos os lados numa explosão hormonal desesperada, febril e ansiosa, mas comia pouco. A comida era escassa e valia um dinheiro impensável. Às vezes, uma leve tonteira fazia meus olhos vacilarem, vendo sombras atrás das árvores, o chão subindo e descendo, ondulando-se diante de mim. A fome tinha seus vários disfarces – a tontura, a dor de cabeça, uma certa confusão mental ao final do dia. Era difícil pensar em como sobreviveria a outro inverno naquelas condições... (WIERZCHOWSKI 2018, p. 146).

Ainda nesse sentido, o narrador afirma:

> Quanto à Polônia, depois do mais profundo desespero pela queda de Paris, via-se abandonada à sombra das botas dos *szwaby*. Desde a ocupação, em setembro de 1939, até os últimos dias de dezembro do ano seguinte, mais de quarenta mil cidadãos tinham perdido a vida: os grupos da SS matavam sistematicamente, dando preferência às elites culturais e econômicas – os alemães queriam obter da Polônia apenas a mão de obra barata, usando-a como um quintal para a produção de víveres e armamentos necessários à ofensiva. Nas entranhas das cidades polonesas, por vielas e florestas e esgotos, uma rede de resistência formava-se lutando contra os alemães, promovendo atentados, resgates de poloneses presos, interceptando documentos e criando todo tipo de dificuldade para o Governo Geral (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 127).

Apesar das tentativas de resistência à ofensiva alemã por parte de alguns grupos poloneses, pouco se amenizou a realidade vivenciada. No caso de Jósik, mesmo com a venda de alguns livros no mercado negro, a renda era escassa e as dificuldades para sobreviver ao cenário de guerra eram imensas. Em uma de suas saídas da casa do avô para vender seus livros e conseguir algum dinheiro para comprar comida, a caminho do mercado negro, Jósik se deparou com soldados do Reich, e, após ser abordado, esteve certo de que seria capturado por eles, tal como ocorrera com os demais integrantes de sua família. No entanto, após inspecionarem os livros que Jósik carregava consigo para venda, um dos soldados alemães, chamado Adel Becker, revelou-se um fervoroso amante da literatura. Contrariando as ordens da guerra, Jósik e o oficial alemão tornaram-se amigos, e a amizade converteu-se em uma nova possibilidade para Jósik sobreviver àquele cenário, e manter viva sua paixão pela literatura, tal como o avô lhe ensinara.

Adel Becker se mostrava, assim, diferente dos demais soldados nazistas. Ele não concordava com os horrores que o governo alemão causava às mais diversas populações, porém, não podia negar-se a trabalhar para o governo com medo de represália por parte de seus superiores. Na narrativa, Adel Becker é descrito da seguinte maneira:

> Ele gostava de livros, era um ávido leitor, mas jamais teria a inefável intuição de Michael Wisochy. Tinha estudado Belas-Artes na Universidade de Frankfurt,

> exibindo muito mais talento para a pintura do que Adolf Hitler jamais tivera, mas também guardava a sapiência de conhecer as próprias limitações: resolvera ser um estudioso das artes, não um artista. [...] À época do alistamento, portanto, era professor adjunto numa cadeira de pouca visibilidade do departamento de Artes, mas todos diziam que teria um futuro promissor (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 142).

Por conta de sua formação intelectual, sua tarefa na guerra consistia em organizar, catalogar e enviar ao Reich todos os bens confiscados de famílias judias e demais famílias que eram mandadas aos campos de concentração nazistas. A amizade entre Jósik e o oficial alemão renderam-lhe benefícios imediatos, pois, a partir de então, Adel Becker passara a comprar os livros que Jósik vendia da biblioteca de Michael Wisochy, pagando-os em dinheiro ou em comida, ambos artigos de extrema necessidade para Jósik.

Não demorou para que Anna Bieska descobrisse a amizade entre Jósik e Adel Becker. Como não aprovava a relação entre Jósik e sua filha Raika, Anna Bieska decidiu denunciar a amizade entre ele e o oficial alemão para os grupos da resistência polonesa, que passaram a organizar um ataque contra Becker, desencadeando, assim, vários outros acontecimentos importantes para a narrativa construída por Leticia Wierzchowski, vejamos:

> É preciso dizer-lhes, meus caros, que, na Polônia, havia uma rede muito ampla de resistentes, infiltrada em todas as estâncias civis e políticas, desde Varsóvia até as mais remotas aldeias. E que esses soldados [...] puniam furiosamente qualquer tipo de colaboracionismo com os alemães. [...] Jósik temia que o confundissem com um desses vis cidadãos que forneciam informações ao Governo Geral. Ele amava a Polônia e detestava o Reich com o fervor que Michael lhe havia incutido. A sua relação com Adel Becker era literária, ficcional e levada – nem ele jamais dissera uma palavra sobre qualquer assunto proibido, nem o próprio Adel ousara perguntar (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 197).

Apesar da relação amistosa entre ambos, os grupos da resistência polonesa decidiram atentar contra a vida de Adel Becker, a fim de vingar os terríveis ataques causados por alemães contra o povo polonês. Com a morte do oficial alemão, os nazistas empreenderam novamente uma represália contra os cidadãos poloneses, a fim de vingar a morte de seu soldado. Nessa ofensiva, Raika acabou sendo morta pelo III Reich. Ao tomar conhecimento da morte da filha, Anna Bieska acabou por suicidar-se, já que, compreendeu que a tentativa de separar Jósik Tatar e Raika acabou acarretando, em consequência disso, na morte desta. Ademais, a realidade polonesa tornava-se cada dia mais conturbada:

> Os *szwaby* mataram a inteligência polonesa, ceifando-a pela raiz. O que querem da Polônia é apenas o seu pão, o seu trigo, a sua água. A Polônia destinada a ser o grande quintal do Terceiro Reich. Enxadas no lugar de penas, cebolas no lugar de livros. As bibliotecas foram queimadas. Lavradores ocuparão o lugar dos pensadores, dos sonhadores, dos grandes fazedores de literatura e de poesia. Portanto, as questões cotidianas são mesmo rasas e a grande pergunta que assola a todos é quando se poderá comer novamente (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 179).

Sozinho mais uma vez, e com a guerra intensificando-se cada vez mais, Jósik Tatar foi obrigado a abandonar a cidade de Terebin, partindo em direção a regiões onde pudesse reconstruir sua vida, distante dos perigos que a guerra lhe causava, pois, durante

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 291 – 303 | mai/ago 2020

esse período, 35 mil judeus haviam sido confinados em guetos e cercados por guardas armados e arame farpado. Jósik, mesmo não sendo judeu, já havia perdido toda a sua família para a guerra. Sobre o recrudescimento da guerra, o narrador afirma:

> Naquele ano de 1941, a guerra expandiu sua sombra sobre o mundo. A África era palco de violentas batalhas, e uma parte dos exércitos do Reich precisou dar suporte às tropas italianas. Havia trabalho em todo lugar para as criaturas de Marte, o Rei da guerra, e a Alemanha nazista possuía um manancial sem fim de tropas, de modo que, através da Europa, a suástica também avançava com sua fúria bestial (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 191).

Nos anos seguintes, concomitantemente ao avanço nazista, as prisões e transportes em massa de pessoas para os campos de concentração do Reich – em especial Auschwitz –, tornava-se uma constante no cenário de guerra. O tratamento dado aos cidadãos poloneses e a esses prisioneiros era desumano, já que, segundo Wierzchowski (2018), os poloneses recebiam uma ração de 669 calorias por dia, enquanto os alemães podiam receber 2.631 calorias. Os judeus, confinados em guetos, recebiam 253 calorias, até o dia em que eram selecionados para um dos transportes para os campos, cujas viagens de sofrimento atroz, muitas vezes terminavam em morte antes mesmo da parada final.

Jósik Tatar, então, parte de Terebin guiado pelo fantasma do avô. Em suas andanças para tentar fugir da guerra, deparou-se com um pequeno contingente de soldados alemães que patrulhava a região, e que, ao vê-lo, sem a mesma atitude amistosa encontrada em Adel Becker, enviaram-no ao campo de concentração de Majdanek, próximo à cidade de Lublin, onde fora submetido aos trabalhos forçados impostos pelos nazistas.

> Ele ficará lá oito meses. Vai perder toda a força e a coragem. Carregará pedras, limpará latrinas, trabalhará nos fornos crematórios – última etapa antes do fim. Quem chega aos fornos crematórios, logo vira cinza também. [...] Jósik quase morrerá; [...] Muito se falará dos campos... Muito. Os horrores serão descobertos um a um. Depoimentos estarrecedores. Os comboios da morte. As pilhas de sapatos, centenas de milhares. Os dentes de ouro arrancados às bocas dos judeus, centenas de barris cheios de dentes. Os poloneses, os presos políticos, os ciganos, os doentes. Crianças às centenas de milhares. As câmaras de gás (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 238).

Somente em julho de 1944 o campo de concentração em que Jósik estava aprisionado fora libertado pelo exército soviético. "De Majdanek, depois das sopas, do remédio para piolhos, dos antibióticos, vai atravessar a Polônia destruída. As linhas de trem bombardeadas levarão a lugar nenhum. Todos aqueles que conhecia terão morrido. Mas Jósik vai sobreviver. Vai aguentar-se de escambos, da ajuda da Cruz Vermelha e dos soviéticos" (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 240).

Com o término da guerra, Jósik partiu para Londres, como o fizeram muitos outros imigrantes, a fim de começar uma nova vida após os sofrimentos e as marcas que aqueles anos lhes causaram. No final da década de 1940, apesar das enormes dificuldades financeiras, Jósik Tatar conseguiu, junto à emigração, um lugar em um navio com destino à América do Sul. "Na Europa do pós-guerra, havia dezenas de milhares de apátridas esperando um visto e uma vida nova, e nenhum dos dois era fácil de conseguir"

(WIERZCHOWSKI, 2018, p. 260). Foi com essa oportunidade de embarcar em um navio rumo ao Uruguai que os caminhos de Jósik e de Eva se encontraram – ela que a tempos o acompanhava através de seus sonhos e das cartas de tarô da avó –, e os dois puderam, enfim, construir uma nova vida juntos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não seja nossa intenção esgotar as possibilidades de interpretação presentes no romance de Leticia Wierzchowski, pode-se perceber, por meio desta breve análise, o tratamento dado pela autora aos temas políticos e sociais do período histórico em que a obra está ambientada, em especial os relacionados à Segunda Guerra Mundial, e à condição imigrante dos poloneses durante aqueles anos. Esta opção narrativa contribui para reforçar nossa hipótese inicial, de que, ao menos em alguns aspectos, a construção ficcional de Leticia Wierzchowski identifica-se com as características da escrita feminina emergente a partir da segunda metade do século XX.

Ao primar pela liberdade narrativa, escolhendo retratar questões sócio-políticas, que por muito tempo mantiveram-se silenciadas nas escritas femininas, o caso de Leticia Wierzchowski nos apresenta uma maneira singular de abordagem temática, lançando luz a acontecimentos e personagens históricos que, em alguns casos, estariam à margem da história oficial, a exemplo do personagem do avô Jan Wierzchowski, e de suas memórias e traumas de guerra, basilares para a construção da obra analisada neste estudo.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 291 – 303 | mai/ago 2020

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. Retraçando a memória da imigração polonesa no Rio Grande do Sul: uma leitura da obra de Leticia Wierzchowski a partir dos rastros. In: ____. **Por uma estética dos vestígios memoriais:** releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. pp. 111-125.

GUIMARÃES, Josué. **A ferro e fogo I e II**. 10 ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina. Disponível: http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html Acesso em: 27/05/2020.

POZENATO, José Clemente. **O quatrilho**. 14 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, 211p.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. Mulheres que tecem a vida na tessitura de seu cotidiano. *Raído*, v.10, n.21, jan./jun. 2016. Disponível: http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5209 Acesso em: 30/05/2020.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. *Raído*, v.10, n. 21, pp. 153-164, jan./jun. 2016. Disponível: http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217 Acesso em: 30/05/2020.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. A importância da memória em romances de Leticia Wierzchowski. *Palimpsesto*. n. 27, ano 17, pp. 29 – 39, 2018. Disponível: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/38351/26855 Acesso em: 30/05/2020.

WEBER, Regina. **Uma ponte para Terebin. Métis:** *história & cultura*. v. 7, n. 13, pp. 319-322, jan./jun. 2008. Disponível: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/707/513 Acesso em: 30/05/2020.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **A casa das sete mulheres**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, 511p.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **Cristal polonês**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **O menino que comeu uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **Os Getka**. Rio de Janeiro: Record, 2010. Disponível: https://docero.com.br/doc/xv5xv0 Acesso em: 30/05/2020.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **Uma ponte para Terebin**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Recebido em 30/05/2020
Aceito em 15/06/2020